

“Singulares”, “Pitorescos”, “Divertimentos” – A visão de protestantes sobre a cultura funerária brasileira

Gabriel Cavalcante Cordeiro

Apresentação

Pretendo com esse trabalho empreender uma observação e problematização sobre os costumes funerários brasileiros usando como fonte principal Relatos de Viajantes Ingleses e Norte Americanos, me aproveitando de todo um contexto positivista, de exaltação da cultura nacional, que potencializaria o estranhamento, a alteridade dos viajantes em relação ao Brasil. Somando isso à questão da dessacralização dos funerais, racionalização dos enterros, ocorrida entre os séculos XVIII, XIX e XX (antes até se contarmos as culturas puritanas e anglicanas dos EUA e Inglaterra), com a nacionalidade e religiosidade os Viajantes, temos um campo frutífero para essa pesquisa.

A evanescente cultura puritana nos EUA e a ascendência dos valores conservadores vitorianos no Reino Unido provavelmente fazem parte da bagagem desses viajantes, que apesar de viverem discordâncias políticas, na recente Guerra de Independência Norte Americana, que gerou um regime republicano, diferente da Monarquia Parlamentarista, sob a qual viviam os ingleses. Sem se esquecer da competitividade econômica e da doutrina Monroe, que geraram casos de (no mínimo) desconforto entre essas duas potências, também no âmbito da economia.

Para completar, ainda temos dois países cuja tradição religiosa difere; apesar de ambas terem como desafeto comum a Igreja de Roma, o Puritanismo teria derivado do calvinismo e desenvolveu uma sociedade bastante conservadora no nascente EUA, sendo discordante em diversos aspectos, do Anglicanismo predominante no Reino Unido.

Apesar disso os comentários tanto de americanos quanto de ingleses, os aproximam, quando o objeto de observação é o funeral brasileiro, o que nos permite no mínimo observar na práxis a discordância dos viajantes com aquilo que consideram católico (ou pagão), e, o que me interessa, perceber aspectos marcantes da cultura funerária brasileira.

Sobre os Observadores

Of all cold, formal, uncharitable, and un-christian-like sights to be seen in London, a funeral is certainly the greatest (...)

Among the aristocracy when a person dies, unless he is some great general or other public character, no one attends the funeral except the immediate family of the deceased. Friends of the family send only their empty carriages (...)Among the lower classes funerals consist of a hearse and one carriage, but always attended by hired mourners. (O'Daniel, 1859, p.359)

Pouco estudado nessa frente, a Morte no Brasil por relatos de viajantes se mostra trágica, como uma perda é frente a sociedade, de modo geral; Conversa finda, seria, não fosse como diz Proust: há quase tantas mortes quanto pessoas. Completo-o com uma questão que talvez Gumbrecht ou Todorov fariam: em uma só morte há tantas, quanto observadores.

A capacidade da cultura de se expressar, ou da pessoa de se apropriar dos códigos culturais para expressar sua fé, produziu funerais de interessante observação e análise, como os expressos nas dezenas de relatos de viajantes sendo apurados em minha pesquisa. O estranhamento claro da maioria muitas vezes produziu tanto detalhismo quanto identificação, repulsa e outras respostas claras e julgamentos frente à experiência proporcionada pela observação (o que a maioria fez), ou pela participação (o que alguns fizeram).

Neste trabalho, fruto de leituras de relatos de viajantes publicados ao longo do século XIX, busco apreender a ritualidade cotidiana que envolvia o funeral. Considerando a longa duração com que se modificaram os ritos funerários externos (aqueles expressos principalmente em espaço público), o cortejo e o lidar com a morte, os oitocentos se destacam por serem o gran finale da predominância de diversos pontos que circulavam a morte. Mesmo na capital, Rio de Janeiro, cuja Rua do Ouvidor era povoada por estrangeiros cujos países passavam por reformas ideológicas e concretas, cujos jornais e periódicos "A Verdade", "O espelho diamantino", "Diário do Rio de Janeiro", "O Conciliador do Reino" editavam e comentavam a Literatura de Viagem não traduzida ao Português; enfim, num país que olhava com bons olhos, segundo Carollina Lima, os

estrangeiros e suas idéias, as tradições funerárias demoraram a se fazer influenciar pela objetividade e internalização de ritos e dores, cotidianos ao Brasil pré novecentos.

Tal objetividade e internalização se fez clara em testamentos na quase ausência de referencias religiosas, na diminuição das doações a igrejas e ordens, e dos pedidos de missas pela alma em fins do século XIX. Apesar disso, as referencias religiosas na morte continuaram em diferentes níveis, variando principalmente conforme se avançava no interior ou em direção ao campo, inclusive durante o século XX, como fica claro nas leituras de Alice R. Humphrey, Elsie Noble Caldwell, Frank Bennett e William Azel Cook.

No correr do XIX, viajantes de diversas nacionalidades percorreram o Brasil de modo geral, pelos mais diversos objetivos, o que já é posto pela historiografia desde as primeiras publicações do IHGB ainda no século XIX, porém discussões recentes acerca da alteridade pelo já citado Todorov, Torrão Filho, Carollina C. R. Lima, e já no campo da Historia da Morte, Luís Lima Vailati, possibilitaram em mim o seguinte raciocínio: o funeral como representação (no mínimo) inspirada pelas crenças religiosas, variável de religião a religião e de região a região, pode ter um valioso e detalhista observador em Estadunidenses e, principalmente, em ingleses, pelo obvio afastamento espacial, cultural, linguístico, religioso e funerário, inclusive entre si, como demonstra o tanatólogo David Stannard.

A visão dos viajantes

The chief amusements of the citizens are the feasts of the different saints, professions of nuns, sumptuous funerals, the holy or passionweek, &c. which are all celebrated in rotation with grand ceremonies, a full concert, and frequent processions. Scarcely a day passes that some one or other of these festivals does not occur; and thus is presented a continued round of opportunities for uniting devotion and pleasure, which is eagerly embraced, particularly by the ladies. (Lindley, 1806, p.275)

Adjetivos interessantes como os usados acima, no relato do comerciante inglês Lindley em 1806, ao se referir aos funerais como parte dos divertimentos dos cidadãos, como um festival do dia a dia não é um incidente isolado, ou reação frente a um habito meramente local, como se vera a seguir.

Vinte e seis anos após a publicação do relato de Lindley no Reino Unido, o reverendo americano Robert Walsh em uma frase expressa sua impressão dos funerais e ao mesmo tempo coloca duas associações que serão constantemente utilizadas: "Funerals are among the most pompous and gaudy displays of the people." (Walsh, 1829, p.493) O recorrente uso da palavra "pomp" (pompa) e o uso de "gaudy", que de acordo com o dicionário Webster, significa ostentoso 'showy'.

Outro religioso americano, o pastor americano Daniel Parish Kidder, dezesseis anos depois não foge muito das referências usadas pelos anteriores, ao dizer que o funeral apresenta um considerável caráter de desfile com grande apelo às aparências. "They exhibit the same fondness for parade and display which is manifest in other religious ceremonies" (Kidder, 1845, p.174)

Meros onze anos depois da publicação do relato de Kidder, é lançado um dos mais completos relatos para a História da Morte, para mim. O famigerado "Life in Brazil" ou a vida no Brasil do cientista inglês Thomas Ewbank. Demonstrando alinhamento intelectual com o que se produzia em seu tempo, tece um comentário que, além de permitir uma leitura que nos mostra continuidade do caráter festivo e ostentoso dos funerais, ainda sinaliza para uma mudança relacionada ao 'Enlightment' Iluminismo: "Enlightened Brazilians are awake to the evils of these expensive follies, and, as in other lands, are making efforts to reform them." (Ewbank, 1856, p.70). Ao falar em 'expensive follies' Ewbank, provavelmente um homem de leituras demonstra um desgosto quanto à cultura funerária local (chamando-a de folia, algo não incomum entre os viajantes) e ao mesmo tempo faz algo que os anteriores não fizeram, uma referência econômica clara relacionada aos gastos excessivos. Mais a frente ele inclusive busca quantificá-los.

Trinta anos depois, já em 1886, Hastings Dent presencia um funeral infantil, que caracteriza como belo: "At sunset there was a pretty funeral of a little child". (Dent, 1886, p.155). Se referindo ainda à representação funerária estudada por Vailati, dos anjinhos, Hastings descreve sem muitos detalhes o acompanhamento de um funeral infantil composto por crianças vestidas de "anginho (sic)".

Fechando esse pequeno apanhado de viajantes, Alice Humpfrey descreve os cortejos e os caixões como providos de cores brilhantes: "The hearses and coffins are of brilliant colors." (Humpfrey, 1900, p.83).

Deixando de lado passados pessoais ou o contexto específico que cada país de cada viajante passava no momento, não pode se deixar de falar de um aspecto que os aproxima;

alguns são homens e outros mulheres, o recorte não excluiu profissões, o grande lastro que une as dezenas de relatos são as nacionalidades das publicações e do viajante: Reino Unido e Estados Unidos da América.

De acordo com Amílcar Torrão Filho, após “Constantin-François de Chasseboeuf, conde de Volney”, a observação de uma teoria e metodologia para o Viajante realizar suas observações e anotações de um modo mais sensível e mais neutro, se faz presente guiando também aqueles que se aventuram posteriormente. Tal como coloca Gumbrecht em “Cascatas da Modernidade”, uma preocupação geradora de maior observação e análise do próprio observador (tornando-se ele um objeto também) surge, e apesar desta preocupação, ainda assim se fazem presentes nas descrições em geral, Anacronismos Históricos e principalmente um Eurocentrismo cultural.

O viajante necessita de método e teoria, e em grande parte o texto de sua viagem trata disso: “Ver bem é uma arte que necessita mais de exercício do que se pode pensar”. Os sentidos podem perturbar a reflexão, mas ela só pode ser resultado desta experiência sensorial que reconhece o mundo em sua materialidade e por meio de faculdades corporais e intelectivas. (Torrão Filho, 2008, p.2)

Ainda correlacionando a reflexão de Torrão Filho com a reflexão de Gumbrecht, existe o exemplo do viajante James Holman que, talvez influenciado por seu momento histórico hermenêutico ou por sua condição de cego, questiona: “todo viajante vê tudo aquilo que ele descreve?”, Todo viajante “não é obrigado e a depender de outros em grande proporção da informação que ele coleta?” (James Holman, APUD: Torrão Filho, 2008, p.2)

James Holman dá a ver um importante limite do gênero viático: a visão é elevada ao sentido mais importante na estruturação da verossimilhança da narrativa, é o que aproxima o tangível da razão, que o transforma em texto confiável, em conhecimento fiável. Entretanto, nem toda informação da narrativa de viagem é dada diretamente ao olhar. A experiência de Holman demonstra que a produção do conhecimento e da informação deste gênero nem sempre depende da presença física, da experiência direta, da individualidade do viajante. (Torrão Filho, 2008, p.3)

Os Funerais Segundo os Viajantes

Em passagem pelo Brasil o inglês Thomas Ewbank observou interessantes particularidades relativas aos costumes funerários daqui. Fecham-se as janelas e as portas da frente, raramente fechadas, assim que uma pessoa morre na casa. O moribundo, mantido antes da morte no melhor quarto da casa, era preparado por um agente funerário (usou-se a expressão *undertaker*) ou irmão da Ordem que o morto era associado, para seu funeral e enterro à posteriori.

John Luccock observa que, no funeral de um adulto livre, presenciado por ele no Rio, o corpo é trazido à noite pelas ruas numa espécie de liteira aberta (algo semelhante a um tabuleiro) ou caixão, coberto de veludo negro, enfeitado de fitas douradas e munido de oito alças. Por ser razoavelmente baixo o ataúde, o corpo era deixado inteiramente exposto à vista. Quando observa leves movimentos do morto durante a procissão o viajante, supõe ser devido ao clima quente, que os músculos se enrijecem mais devagar.

Ewbank aponta que as mulheres casadas, eram posicionadas no caixão (ou tabuleiro) com os braços cruzados e as mãos apoiadas em seu cotovelo oposto; já as não casadas eram colocadas com as mãos fechadas em adoração. No caso dos homens e das crianças do sexo masculino, suas mãos eram cruzadas por sobre o peito. Adornos eram colocados em volta e sobre o corpo, como galhos cruces, sendo estes retirados antes do enterro.

Assusta-se, Luccock, ao perceber que o morto não é levado em passo lento, como de alguém que sofre dor profunda, mas numa “pressa indecente, uma espécie quase que de corrida, em meio de alto vozerio e com um ar de grosseira alegria”. (Luccock, 1942, p.38) A pessoa é coberta de galantes atavios de um dia de festa, o rosto pintado, os cabelos empoados e a cabeça enfeitada por uma guirlanda, ou coroa de metal; Ficando, assim, o defunto, em condições de aparecer ao Juiz supremo das almas, supostamente causando-o uma excelente impressão.

Anos depois Daniel Kidder observa alguns detalhes, como as vestimentas dos que participavam do cortejo: familiares, portadores de tochas, cocheiros, todos usando vestes negras. Todos eram organizados de forma que se criasse um efeito de imponência aos que assistiam a tudo. Já no caso do morto, percebeu-se o uso de maquiagem, e de roupas e panos associados à irmandade pertencente. A maquiagem era um costume associado, por

Victor-Athanase Gendrin, à devolução do aspecto que ele tinha quando era vivo, lábios e face avermelhados.

A pompa era característica constante. Kidder define como “Procissão Triunfal” um dos funerais que assiste. O marinheiro norte americano C. S. Stewart é mais enfático ao dizer que foi esplêndido, sendo esse o único fato que o interessou em toda a visita à, então, capital nacional. Era usada uma “grandeza real” na realização de tal cerimônia. Ewbank aponta valores acima dos \$1000 milréis. Vailati aponta casos em que a família se afundava em dívidas para que fossem pagos os cerimoniais fúnebres. Investimento tal que alimentava a imaginação destes visitantes, como Dabadie que uma vez ao presenciar um funeral espalhafatoso, chegou a pensar ser de algum príncipe, ou talvez um político de grande poder, como um senador, quando na verdade se tratava de uma pessoa de origem modesta.

O morto é então colocado no chão à porta da Igreja, ficando ainda por um tempo exposto ao público. Sobre a excessiva exposição do morto, Luccock especula ser devido ao fato de serem constantes os casos de crimes de assassinato na cidade. No caso, a visão do corpo provaria o corpo inviolado, o que aparentemente significava a integridade do moribundo, assim como demonstrava a paz com que a alma se foi.

Os padres então recebem o corpo, executam os ritos da Igreja e o entregam aos que devem realizar as cerimônias supremas. Uma quantidade pequena de cal virgem é atirada. Para só então colocá-lo à sepultura, que, como observa o viajante, para pessoas de etnia caucasiana era sempre dentro de algum edifício sagrado. Costume que vigorou até a segunda metade do século XIX, quando houve sua proibição, o que naturalmente causou insatisfação da Igreja, como expresso na Dissertação do Padre Luis Gonçalves dos Santos (o Padre Perereca).

O caixão não era enterrado com o corpo, como observam Luccock e Kidder, mas é conservado na igreja ou na sede da Irmandade, que o aluga para tais fins. Irmandades, que dotavam de cemitérios e realizavam as cerimônias de seus irmãos. Com o uso da cal, o corpo era mais rapidamente decomposto e depois de mais ou menos um ano, era aberto o túmulo, tirado os ossos para limpeza. Em alguns casos, como observa Kidder, os parentes mandam enterrar os restos em uma urna para que seja removida à casa.

Talvez na ausência de signos e estandartes reais, simbologias de nobreza, para obter respeito, a população se valia de momentos como esse, para mitificar sua condição, frente ao restante da sociedade. O que não ocorria no caso dos enterros de escravos.

“Quão diferente do ‘pomposo e magnificente’ cerimonial fúnebre dos abastados é o enterro do pobre escravo. Nem tocheiros nem ataúde no diminuto cortejo” (Kidder, 2001, p.154). O trecho ao lado, foi retirado de uma das obras de Kidder, e fala por si próprio. Assim como demonstra Luccock, aparenta-se não haver muita diferença entre as cerimônias funerárias dos adultos escravos. Lembrando que na época do relato de ambos eram poucos os negros forros no Rio de Janeiro.

Não se tem muito registro nos relatos, do pré-morte ou das primeiras horas do escravo moribundo. John Luccock escreveu que, logo em seguida ao falecimento, o corpo era costurado dentro de uma roupa grosseira e era enviada uma intimação a um dos dois cemitérios no Rio destinados exclusivamente ao enterro de escravos, para que fosse feito. Após a resposta, que não demorava muito, companheiros chegam à casa, colocam o defunto em uma “...rede, dependuram-na num pau, e carregando-o pelas extremidades, levam-no através das ruas tal como se estivessem a carregar uma qualquer coisa” (Luccock, 1942, p.39).

Tal cerimônia acontecia normalmente durante a manhã. Descreve Kidder que esses cemitérios se resumiam a um terreno simples, fechado por muros nos quais eram pintadas figuras de cabeças de cadáveres. No caso da Santa Casa de Misericórdia, cujo cemitério era frequentemente usado por eles, eram abertas covas diariamente e em “promiscuidade” eram enterrados os corpos dos que morrem no hospital durante a noite e dos escravos ou indigentes, sepultados gratuitamente, sendo o terreno reaproveitado ano após ano.

Talvez por falta de escolha, os escravos eram sujeitos a tal tratamento. Não podemos dizer ao certo se a ausência de referências cristãs em seus funerais era uma falta de atenção de quem retratava, ou se simplesmente era nula a aceitação da fé nos escravos do Rio de Janeiro, o que é pouquíssimo provável. Mesmo com a aceitação da fé:

“(…) are Roman Catholics. Many of them, however, continue their heathen practices.

In 1839, Dr. Kidder witnessed in Engenho Velho a funeral, which was of the same kind as those curious burial customs which the African traveler beholds on the Gaboon River.”(Kidder, 2001, p.136)

Philippe Ariès chama a atenção para o fato do século XIX ser um marco para a criança, no sentido de que ela finalmente passa a ser vista definitivamente como diferente de um adulto, sendo então diferenciado seu tratamento em todos os sentidos, inclusive na

morte. Em uma sociedade em que a mortalidade infantil era razoável, o acontecimento não era raro de se presenciar, sendo retratado pelos mais diversos viajantes que aqui estiveram. Ainda falando dos escravos, suas crianças eram tratadas de forma notoriamente melhor. Com semelhante bandeja ao dos adultos, obviamente menor, o corpinho era conduzido sobre um pano branco (cor repetidamente usada na tradição africana para simbolizar o luto) enfeitado de flores, ramalhetes e outros enfeites relativamente alegres.

“Atrás do negro seguia uma multidão promíscua no meio da qual cerca de vinte negras e numerosas crianças, quase todas adornadas com tiras de pano vermelho, branco e amarelo, entoavam algum cântico etíope cujo ritmo marcavam com um trote lento e cadenciado; o que levava o corpo, parava freqüentemente e girava sobre os pés como se dançasse” (Kidder, 2001, p.155)

Kidder também aponta ter percebido uma exagerada gesticulação, de modo que não pode distinguir se se tratava de alegria ou tristeza, mesmo na mãe da criança. A criança era levada então até a Igreja onde entregavam o corpo ao sacristão e ao vigário.

Em linhas gerais, a morte da criança era percebida pelos viajantes, mais como um momento de júbilo que um momento de luto. John Candler, na metade do século, descreveu que esses cerimoniais mais se pareciam com festivais, mesmo os toques de sino feitos “as if for joy” (Candler, 1853, p.44) assim como, em sua percepção, parentes e amigos se congratulando, criavam um clima de estranha descontração de tal forma que a exacerbação de sentimentos positivos e o exagero em cores e formas foram notados por todos aqueles viajantes que tiveram a oportunidade de presenciar um funeral infantil.

Mas se engana aquele que supõe que esse seria um sinal de desprezo pela criança, Ewbank e outros viajantes apontam para a crença na certeza da salvação da alma infantil como possível explicação para esse desprendimento.

O fato é que, como foi dito anteriormente, não havia uma definição certa sobre a separação entre corpo e alma na morte, portanto deveria-se preocupar com a aparência na apresentação ao mundo dos mortos, pois disso poderia depender o destino da alma.

Em 1840, sobre isso, discorreu Thomas Ewbank:

“As crianças com menos de 10 e 11 anos são vestidas de frades, freiras, santos e anjos. Quando se veste de São João o cadáver de um menino,

coloca-se uma pena, pois José tinha um cajado que florescia com o de Araão. A criança que tem o mesmo nome que São Francisco ou Santo Antônio usa geralmente como mortalha um hábito de monge e capuz. Para os maiores, São Miguel Arcanjo é o modelo. Veste-se então o pequeno cadáver com uma túnica, uma saia curta presa por um cinto, um capacete dourado (de papelão dourado) e apertadas botas vermelhas. Com a mão direita apoiada sobre o punho de uma espada. As meninas representam ‘madonas’ e outras figuras populares” (Ewbank, 1976, p.45)

Luiz Vailati aponta que existia a crença de que, ao vestir a criança com as vestes imitando as de um santo, a entidade escolhida interferiria sobre ele, o receberia e o guiaria em direção ao Céu.

O cortejo fúnebre era o ponto alto da participação coletiva. Toda a cidade era chamada a participar. Vailati nos chama a atenção para a hora do dia em que era realizado o a procissão fúnebre infantil; Diferentemente dos adultos, a criança era levada de dia, lugar do cotidiano, do familiar. “As procissões diurnas eram índice de que se dava por garantia de salvação (...) cabe uma única atitude, a de louvar o pequeno falecido.” (Vailati, 2003, p. 373).

Luccock, em sua estadia no Rio, teve a interessante experiência de participar, ao menos por poucos momentos de um cortejo fúnebre infantil. Narra ele, que foram tomadas suas mãos e colocadas sob o estrado o qual apoiava o corpo da criança, porém, por medo de ofender o grupo com atitudes ou olhares incompatíveis, deixou-os. Após observar outros funerais como esse, percebeu que seria uma homenagem fina, se tivesse continuado. Candler aponta que a presença dos pais e de parentes muito próximos era incomum, segundo os costumes o que ajudaria a explicar a impressão geral dos viajantes sobre a leviandade de tais funerais.

E assim se dava o cortejo e as homenagens: Feitas pelos familiares, amigos e por qualquer outra pessoa que o fizesse de boa vontade. O cortejo era, além de uma homenagem ao morto, um ato público, um espaço comum de socialização.

Referências Bibliográficas

- ARIÈS, Philippe. **História da Morte no Ocidente** (Trad. por Priscila Viana de Siqueira). Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- BENNETT, Frank. **Forty Years in Brazil**. London: Mills & Boon. 1914.
- CALDWELL, Elsie Noble. **In a Changing Brazil**. New York: R.R. Smith. 1946.
- CANDLER, John. **Narative of a recent visit to Brazil**. London: Edward Marsh, 1853.
- COARACY, Vivaldo. **Memórias da Cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Editora Itatiaia, 1988.
- COOK, William Azel. **Through the wilderness of Brazil, by horse, canoe and float**. London: T.F.Unwin, 1909
- DABADIE, F. **A Travers L'Amérique du Sud**. Paris: Ferdinand Sartorius, éditeur, 1858.
- DENT, Hastings Charles. **A Year in Brazil: with notes on the abolition of slavery, the finances of the empire, religion, meteorology, natural history, etc**. London :Kegan Paul, Trench,1886.
- EWBANK, Thomas. **A vida no Brasil** (trad. Jamil Almansur Haddad). Belo Horizonte: Ed. Itatiaia: São Paulo, 1976.
- _____. **Life in Brazil: or, A journal of a visit to the land of the cocoa and the palm**. New York: Harper & Brothers, 1856.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Cascatas da Modernidade**. In: **Modernização dos Sentidos**. Tradução de L. F. Pereira. São Paulo: Ed. 34, 1998.
- HUMPHREY, Alice R. **A Summer Journey to Brazil**. New York, Bonnell, Silver & co. 1900.
- KIDDER, Daniel Parish. **Reminiscências de viagens e permanência nas províncias do Sul do Brasil: Rio de Janeiro e São Paulo: compreendendo notícias históricas e geográficas do Império e das diversas províncias**. Trad. por Moacir N. Vasconcelos. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2001.
- _____. **Sketches of residence and travels in Brazil**. Philadelphia: Sorin & Ball, 1845
- LIMA, Carollina Carvalho Ramos de. **Os Viajantes estrangeiros nos periódicos cariocas (1808-1836)**. Dissertação (Mestrado em História), UNESP, Franca, 2010.

LINDLEY, Thomas. **Narrative of a Voyage to Brazil**. London: Printed for J. Johnson. St Paul's Church-Yard, 1805.

LUCCOCK, John. **Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil tomadas durante uma estada de dez anos nesse país de 1800 a 1818** (tradução de Milton da Silva Rodrigues). São Paulo: Livraria Martins, 1942.

O'DANIEL, William. **Ins and Outs of London**. Philadelphia: S.C. Lamb, 1859.

RODRIGUES, Cláudia. A arte de bem morrer no Rio de Janeiro setecentista. **Vária História**, vol. 24, nº39, Belo Horizonte, 2008, p.255-272.

_____. **Lugares dos Mortos na cidade dos vivos**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Divisão de Editoração, 1997.

SANTOS, Luiz Gonçalves dos. **O católico e o methodista**. Rio de Janeiro: Imp. de I.P. da Costa, 1839.

STANNARD, David E. **The Puritan Way of Death: A Study in Religion, Culture, and Social Change**. Oxford University Press, 1977.

STEWART, Charles Samuel. **A visit to the South Seas in the U.S. Ship Vicennes, during the years 1829 and 1830**; with notices of Brazil, Peru, Manilla, the Cape of Good Hope, and St. Helena. London: Fisher, Son, & Jackson, 1832.

TODOROV, Tzvetan. **A Conquista da América**. Lisboa: Litoral Edições, 1990.

TORRÃO FILHO, Amilcar. **A arquitetura da alteridade: a cidade luso-brasileira na literatura de viagem (1783-1845)**. Tese (Doutorado em História), UNICAMP, Campinas, 2008.

VAILATI, Luiz Lima. Os funerais de anjinho na literatura de viagem. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 22, n. 44, 2003 , p. 365-392.

_____. **A morte menina: Infância e morte infantil no Brasil dos oitocentos (Rio de Janeiro e São Paulo)**. São Paulo: Editora Alameda, 2010.

WALSH, Robert. **Notices of Brazil in 1828 and 1829**. London: F. Westley and A. H. Davis, 1830